

**CURRÍCULO DE SERGIPE E GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL:  
TRAGANDO ALMAS, PRODUZINDO SUJEITOS-COACHIZADOS**

SERGIPE CURRICULUM AND NEOLIBERAL GOVERNMENTALITY: BRINGING  
SOULS, PRODUCING COACHED SUBJECTS

CURRÍCULO SERGIPE Y GOBIERNO NEOLIBERAL: LLEVAR ALMAS, PRODUCIR  
SUJETOS ENTRENADOS

Tássia Alexandre Teixeira Bertoldo<sup>1</sup> 0000-0002-1507-7698  
Rosa Virgínia Oliveira Soares de Melo<sup>2</sup> 0000-0002-8165-1483

<sup>1</sup>Universidade Federal de Sergipe; São Cristóvão, Sergipe, Brasil; tassiaalexandre@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Sergipe; São Cristóvão, Sergipe, Brasil;  
rosavirginia.aju@gmail.com

**RESUMO:**

A partir de memórias de uma das autoras, analisamos como o Currículo de Sergipe (CSE) aponta prescrições para produzir sujeitos. Assim, tecemos análises, aqui chamadas de *matutâncias*, problematizando documentos e tecnologias produtoras do que denominamos de *currículo-coach*, compreendendo o funcionamento e mecanismos pelos quais produzem-se subjetividades, e acessam-se as almas dos indivíduos, tornando-os *sujeitos-coachizados*. Analisamos o CSE e atividades relacionadas a ele: cursos de formação docente, conversas de WhatsApp e cadernos de Projeto de Vida. Evidenciamos como o currículo prescreve a necessidade de que todos/as da escola sejam cuidadores de si, com a versatilidade de lidar com fatores emocionais. O governo neoliberal, por estratégias da força da normatização documental, acessa a alma dos sujeitos fazendo-os acreditar que isso é o melhor para seguirem suas vidas. Além disso, docentes são convidados e adentram nessa racionalidade, sem questionar, operando em si mesmos verdades, atuando como multiplicadores desse processo de *coachização* de sujeitos.

**Palavras-chave:** currículo; sujeito; governamentalidade; habilidades socioemocionais.

**ABSTRACT:**

Based on memories of one of the authors, we analyze how the Sergipe Curriculum (CSE) points out prescriptions to produce subjects. Thus, we weave analyses, here called *matutances*, problematizing documents and technologies that produce what we call *curriculum-coach*, understanding the functioning and mechanisms by which subjectivities are produced, and the souls of individuals are accessed, making them *subject-coached*. We analyzed the CSE and activities related to it: teacher training courses, WhatsApp conversations and Life Project notebooks. We showed how the curriculum prescribes the need for everyone in the school to be self-caregivers, with the versatility to deal with emotional factors. The neoliberal government, through strategies based on the strength of documental norms, accesses the soul of the subjects, making them believe that this is the best way to go about their lives. In addition, professors are invited and enter into this rationality, without questioning, operating truths in themselves, acting as multipliers of this process of coaching subjects.

**Keywords:** curriculum; subject; governmentality; socioemotional skills.

## RESUMEN:

Con base en recuerdos de uno de los autores, analizamos cómo el Currículo de Sergipe (CSE) apunta prescripciones para producir sujetos. Así, tejemos análisis, aquí llamados matutancias, problematizando documentos y tecnologías que producen lo que llamamos currículum-entrenador, comprendiendo el funcionamiento y los mecanismos por los cuales se producen subjetividades, y se accede al alma de los individuos, haciéndolos sujeto-entrenado. Analizamos el CSE y las actividades relacionadas con él: cursos de formación docente, conversaciones de WhatsApp y cuadernos de Proyecto de Vida. Mostramos cómo el plan de estudios prescribe la necesidad de que todos en la escuela sean autocuidados, con la versatilidad para lidiar con los factores emocionales. El gobierno neoliberal, a través de estrategias basadas en la fuerza de la regulación documental, accede al alma de los sujetos, haciéndoles creer que esa es la mejor manera de vivir sus vidas. Además, los profesores son invitados y entran en esa racionalidad, sin cuestionamientos, operando verdades en sí mismos, actuando como multiplicadores de este proceso de formación de sujetos.

**Palabras clave:** currículo; materia; gubernamentalidad; habilidades socioemocionales.

## Introdução

*Depois de Tia Lu, minha relação com as borboletas mudou. Não era mais só um inseto comum no sertão, dentre os mais numerosos do planeta e admirados nas aulas de ciências. Elas passaram a ter um significado afetivo para mim. Me lembro de todas as vezes que voltei pra casa fantasiando ser eu mesma uma borboleta enorme, laranja e cheia de sardas. Eu me sentia linda e naqueles instantes esquecia medos e dores das quais nunca conseguia compartilhar, eram só minhas. Movida por esse sentimento de quem queria ser a própria borboleta passei a observá-las, entendê-las e admirá-las de tal forma que tatuei uma em mim.*

*Dentre as buscas de sabê-las cada vez mais, lembro de ter lido numa rede social a história de uma jovem que perdeu o pai e não conseguiu se despedir. Ela conta que um dia estava caminhando numa praça e chorando pediu ao universo que ela pudesse sentir seu pai mais uma vez. Alguns instantes depois, ela sentiu um bichinho pousar em seu corpo e ao olhar viu que era uma borboleta pousada em sua blusa. Ela ficou observando e a borboleta em vez de voar novamente caminhou por sua camiseta, pelo pescoço e subiu até seu rosto. Enquanto a borboleta caminhava por sua face ela sentiu o cheiro do pai e desabou em choro, mas a borboleta não foi embora, lhe fez companhia por alguns minutos. A jovem afirma em seu depoimento que certamente aquele foi o último encontro que ela desejava<sup>1</sup>.*

*Eu, chorona que sou, chorei ao ler esta história tão linda e especial para aquela jovem, mas um ponto ali me chamou bastante atenção. No final da narrativa, a jovem se refere às*

---

1 Esse não é um relato incomum. Para mais relatos: <https://buzzfeed.com.br/post/22-pessoas-contam-como-tiveram-contato-com-entes-queridos-ja-falecidos>. Acesso em novembro de 2021.

*borboletas como símbolo da alma e eu curiosa, fui em busca dessa informação. Nessa busca encontrei um livro que trata da dimensão filosófica da vida de um inseto, e nele a borboleta é um símbolo da alma. Fiquei ainda mais curiosa e conectada com elas a partir de um trecho em que Chuang, um sábio chinês personagem do conto, confessou:*

Certa vez, eu, Chuang Chou, sonhei que era uma borboleta, a voar para lá e pra cá; borboleta para todos os fins e em todos os sentidos. Tinha consciência apenas de minha felicidade como borboleta, sem saber que era Chou. Logo despertei, e ali me achava, de novo e verdadeiramente eu mesmo. Agora, não sei se eu era antes um homem a sonhar que era uma borboleta, ou se sou agora uma borboleta a sonhar que sou homem (Yutang, 2004, p. 95).

*Alimentar sentimentos pela borboleta, ser atravessada pelo desejo de sê-la e pensá-la para além de um ser com estruturas anatômicas e fisiológicas, me veio à tona durante a leitura do artigo **Do governo dos homens... e das almas** (Nascimento, 2018). Comecei a matutar como a alma, geralmente vista numa perspectiva religiosa, holística, poética e/ou filosófica se torna objeto-alvo de estratégias que governam e fazem ser, pensar, agir e sentir no mundo.*

Esse relato é de uma das autoras deste artigo. Foi durante uma reunião do grupo de pesquisa entre nossas conversas regadas por cafés e afetos de onde saiu essa memória, e como ela possibilitou analisar o currículo, objeto desse estudo, através da sensação de ser uma borboleta que agora tem sua alma tentando ser tragada pela governamentalidade. Pensar sujeitos que para além do físico, tem suas emoções adestradas para serem sujeitos específicos. A partir daqui, tecemos uma análise nossa considerando essa matutância compartilhada.

No campo curricular, entendemos governamentalidade, tanto como modos de condução da conduta de si e dos outros, quanto como uma racionalidade que pauta a vida cotidiana dos sujeitos, que passa a agir sobre si mesmo. Ao tratar da arte de governar, Foucault relata como as sociedades passaram por diferentes configurações de governo a depender das formas de exercício do poder. Essa reflexão sobre os efeitos de poder sobre os corpos e sobre a vida na sociedade ocidental foi introduzida nas ciências humanas e sociais através dos estudos desse autor, ainda que o foco de suas pesquisas não tivesse nas temáticas educacionais. Para além da compreensão do controle dos corpos e das instituições, sua análise é ampliada em meados dos anos de 1975, para o domínio da vida e de sua gestão. Ligado à tecnologia disciplinar, surge a estratégia biopolítica de regulação da vida, tendo a educação, e, portanto, também o currículo, como tecnologia de governamentalidade (Resende, 2018). Assim, um modo de construir currículo é produzindo “[...] sujeitos que empresariam as suas vidas [...]” (Cardoso, 2018, p. 952).

Esse empresariamento não se restringe agora ao Estado e seus processos econômicos apenas, mas como afirma Gadelha (2009, p. 144) passam “[...] a ser propriamente a sociedade, quer dizer, as relações sociais, as sociabilidades, os comportamentos dos indivíduos, etc.” e nesse sentido, as pessoas passam a ver a si mesmas como sujeitos que necessitam de capacitação para dar tudo de si físico-cognitiva-emocionalmente. Para Wolk (2008), essa capacitação acontece por intermédio de múltiplas ferramentas, para que se convertam em melhores observadores de si mesmos e do seu mundo de relações, a fim de que possam obter o máximo de rendimento de suas competências e habilidades.

A educação sustentada em habilidades e competências está estruturada pelo discurso neoliberal e preocupada com a qualificação para o mundo competitivo e com um tipo de socialização limitada à adaptação. Nesse sentido, “[...] as bem-intencionadas competências configuram-se como um ‘canto de sereia’. No fundo, a competência mais valorizada pela BNCC é a competência de competir em um mercado cada vez mais exigente e excludente” (Picoli, 2020, p. 7). A ligação com o empreendedorismo, por conseguinte, é um destaque nessa reforma “[...] enquanto dispositivo de segurança, através de um discurso voltado para uma educação inclusiva e para uma formação de cidadãos autônomos, flexíveis e empreendedores” (Freitas; Bueno, 2018, p. 05). Ao formarem jovens empreendedores de si, governados pela racionalidade neoliberal e entusiastas de narrativas do mercado, a escola e seus currículos cumprem o projeto de modernidade das sociedades de controle (Foucault, 2008).

Como num contexto do neoliberalismo nada escapa à lógica econômica, que atinge todas as esferas. Assim, até mesmo a educação, que poderia subverter essa lógica, não consegue se desatrelar desse mecanismo, na medida em que precisa formar sujeitos para atender às exigências do mercado e para isso precisam ser capacitados. Nesse sentido de capacitar, Nascimento (2018, p. 5) aponta que o Estado pode assumir uma função *coach*, por meio de estratégias, a fim de preparar os sujeitos com modos de “[...] ver, pensar e atuar que sirvam à obtenção de resultados melhores para si e para seu contexto” [visando não apenas o governo das coisas, mas] das almas ou mentes, considerando que se ocupa com a produção de subjetividades”.

Inspiradas por essa alma de borboleta, ousamos, neste estudo, problematizar um *currículo-coach* que deseja produzir um *sujeito-coachizado* e, assim como no conto, que pensa a borboleta transcendendo sua estrutura física, analisar como estratégias de governo são utilizadas diariamente através do currículo para adentrar pedagogicamente suas almas e conduzi-las tornando-os sujeitos aguerridos, autorregulados e emocionalmente capazes. Essa não seria por si só uma discussão nova, pensando que essa pedagogia de cuidado com as

emoções estaria de forma mais centrífuga ou como se denominava antes, transversalmente, nos currículos. Nesse novo currículo, elaborado a partir da BNCC, as emoções passam a ser centralidade através do componente Projeto de Vida e da Matriz de Habilidades Socioemocionais.

Para tal empreitada, ressaltamos, aqui, que esse governo que controla implica relações de poder que, de acordo com Foucault (2010, p. 29) está “[...] diretamente mergulhado num campo político; e as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” e nesse sentido os corpos produzem relações e por elas são produzidos.

Partindo desses pressupostos, trazemos, a partir daqui *matutâncias* que analisam os documentos e as prescrições que produzem o que chamamos de *currículo-coach* compreendendo como se dá esse funcionamento e os mecanismos pelos quais é possível produzir subjetividades e acessar as almas dos indivíduos para que se tornem *sujeitos-coachizados*.

### **Protocolo de acesso às almas**

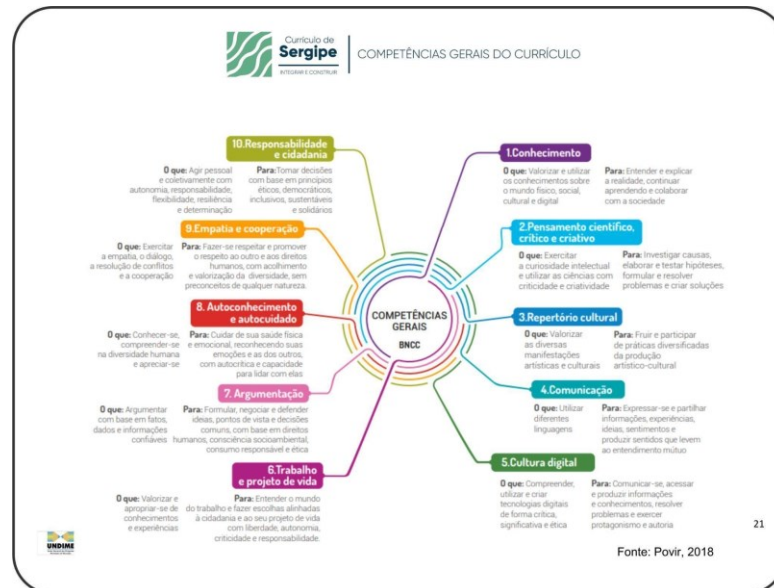
*Alma  
Deixa eu ver sua alma  
A epiderme da alma...*

*Esse trecho da música Alma de Zélia Duncan, que eu despreziosamente ouvia enquanto aguardava numa consulta médica, me fez voltar a matutar nos interesses do currículo em produzir sujeitos específicos que habitem um único sujeito e o torne versátil. Comecei a lembrar de trechos do documento que ecoam como o pedido da canção: autorização para ver a alma e assim acessá-la, chegando primeiramente a sua epiderme (entenda-se epiderme como primeiro contato e/ou acesso). Mediante essa sensação, voltei a folhear e a me atentar aos trechos que parecem prescrever possibilidades desse acesso e para isso, nesta seção, destaco e analiso trechos do documento sergipano e seus demais documentos complementares - cadernos de Projeto de Vida e a Matriz de Habilidades Socioemocionais - que me provocaram a matutar a respeito do desejo de formar sujeitos-coachizados.*

Inspiradas nessas *matutâncias* de uma de nossas autoras, optamos por, inicialmente, observar as Competências Gerais do currículo para o Ensino Fundamental, que estão logo no início do documento, dispostas em círculo. Parece desprezioso que as competências postas

como base do que se deve alcançar ao longo da vida escolar estejam organizadas em torno de um círculo central e rodeada de características que demarcam o que cada uma deve significar. Observe a Figura 1:

Figura 1 - Competências Gerais



Fonte: currículo de Sergipe (Porvir, 2018 *apud* Secretaria de Estado da Educação, 2018)

Em uma das formações oferecidas pela SEDUC em 2019, uma das articuladoras do curso apresentou uma etapa denominada Arquitetura Curricular. Nela essas competências foram apresentadas ou relembradas inicialmente como base, como centro ou como foco principal da formação do chamado sujeito-cidadão objetivo do Currículo de Sergipe. O título da apresentação e esse formato das competências no documento muito nos lembrou o panoptismo discutido por Foucault em *Vigiar e Punir*. O Panóptico automatizava o poder ao sugerir naquele que é observado uma sensação consciente de uma vigilância permanente: arquitetura que cria e mantém uma relação de poder, portanto, que não mais depende daquele que o exerce; os vigiados estavam presos em um sistema no qual eles mesmos são portadores das relações que os submetem.

No caso da conformação das competências, ousamos dizer que há um panoptismo não arquitetônico, mas documental-discursivo. Em outras palavras, aquele que “[...] está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; [...] torna-se o princípio de sua própria sujeição” (Foucault, 2010, p. 192). O panoptismo nessas competências dá ao sujeito a

oportunidade de empreender experiências e comportamento através de técnicas democraticamente controladas pelo documento oficial que o vigia constantemente.

Essa mecânica do poder se estabelece com procedimentos em forma de cursos, instrumentos em forma de documentos e nas relações que se operam de forma disciplinar. Essa, por sua vez, é portadora de um discurso, que não é da lei e da regra, frutos de uma imposição, mas da regra ‘natural’ da norma, possuindo algumas características próprias como o acompanhamento permanente possibilitando construir-qualificar o indivíduo, conduzindo-o à eficácia máxima. (Foucault, 2010). Assim como o panóptico proporciona um aumento da eficácia de todas as instituições sociais nas quais se possa e se queria impor determinados padrões de comportamento para um grande número de indivíduos, essas competências se estabelecem como condição base para que qualquer sujeito que frequente a escola esteja dentro e atravessado por aquele modelo de ser.

Esse atravessamento não acontece necessariamente por vigília de uma sentinela central que tudo vê, mas a medida em que o currículo reforça e amplia o que já se estabeleceu na BNCC, reforça seu desejo de formar sujeitos específicos através de um discurso específico: ‘sejam essas pessoas!’ Vale destacar que consideramos aqui o discurso a partir do que Foucault (1986, p. 56) denomina de ‘mais’, quando afirma “[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”.

Para adentrar na compreensão de um currículo que deseja produzir um *sujeito-coachizado*, é importante pensar a emergência por um *currículo-coach*. Nesse sentido, é preciso relembrar que quando o cenário do mercado passa a ser a nova referência não somente da economia, mas de todas as demais instâncias sociais e da própria existência individual, a partir do século XX, quando a competitividade se tornou algo cada vez mais amplo. Nova forma de subjetivação se estabelece e “[...] ao constituir-se em referência quase exclusiva, o mercado produz individualizações vulneráveis e suscetíveis a seus apelos e estímulos incessantes”. (Candiotto, 2010, p. 42)

O neoliberalismo e uma governamentalidade vai se instalando recobrando a própria vida, “[...] buscando tornar cada indivíduo o empresário de si mesmo” (Saraiva, 2010, p. 129). Tendo no neoliberalismo uma nova forma de viver e explicar o social, Gadelha (2009, p 144), alerta para duas condições novas:

[...] primeiro [...] o objeto de análise (e de governo) já não se restringe apenas ao Estado e aos processos econômicos, passando a ser propriamente a sociedade, quer

dizer, as relações sociais, as sociabilidades, os comportamentos dos indivíduos, etc.; em segundo, além de o mercado funcionar como chave de decifração ('princípio de inteligibilidade') do que sucede à sociedade e ao comportamento dos indivíduos, ele mesmo generaliza-se em meio a ambos, constituindo-se como (se fosse) a substância ontológica do 'ser' social, a forma (e a lógica) mesma desde a qual, com a qual e na qual deveriam funcionar, desenvolver-se e se transformar as relações e os fenômenos sociais, assim como os comportamentos de cada indivíduo

Essa governamentalidade neoliberal que se instalou se alastrou para outros espaços da vida e os indivíduos passaram a se ver como empresas capazes de se autogerir e conquistar seu espaço. Essa nova forma de governar requer um novo jeito de viver e junto a necessidade de indivíduos treinados, aptos a desempenhar o papel de empreendedores de si mesmos. Diante dessa circunstância, surge o que Damasceno (2011, p.1) chama de "[...] emergência de *coaching* [...]" através da qual o 'coach' ajuda pessoas a realizar seus objetivos por meio de técnicas.

Ao observar os estudos do currículo de um programa de Reis (2011), Nascimento (2018, p. 7) destaca que

no neoliberalismo nada escapa à lógica econômica, que atinge todas as esferas. Assim, até mesmo a educação, que deveria atuar como emancipadora, invertendo essa lógica por meio da formação para a consciência crítica e para a desalienação, não consegue se desatrelar desse *modus operandi*, na medida em que precisa formar sujeitos para atender às exigências do mercado.

No Currículo de Sergipe essa racionalidade governamental opera no sentido em que seus pressupostos, objetivos, objetos, habilidades e competências convidam sujeitos a assumirem responsabilidades de se tornarem capazes de gerir a si mesmos e desejarem ser pessoas com múltiplas capacidades demonstrando assim sua versatilidade.

Adentrando nas Competências, destacamos as de número 8 e 6 com foco maior nessa intenção de *currículo-coach*: 8 - Autoconhecimento e Autocuidado - "O que: conhecer-se, compreender-se e apreciar-se; Para: Cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas" e 6 - Trabalho e Projeto de vida - "O que: Valorizar-se a apropriar-se de experiências; Para: Entender o mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas à cidadania a ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, criticidade e responsabilidade".

Sendo documento de referência e embasamento para planejamentos, projetos e demais atividades desenvolvidas nas escolas, o currículo estabelece um olhar para as emoções quando prescreve uma competência específica para capacitar emoções, cuidados consigo e projetar suas vidas com responsabilidade. É o expresso desejo de "[...] programá-los e controlá-los em suas formas de agir, sentir, pensar, e de situar-se diante de si mesmos, da vida que levam e do



mundo em que vivem, através de processos e políticas de subjetivação” (Gadelha, 2009, p. 151).

Não é apenas no documento oficial que se observa esse mecanismo de coachização do currículo. Quando Projeto de Vida deixa de ser parte da competência 6 e se torna um componente curricular, e não apenas ‘um’, mas ‘o’ componente central do currículo em que todos os outros componentes precisam se planejar e funcionar em torno dele, temos estabelecida uma fórmula de coachização sistematizada.

A inserção da elaboração de um Projeto de Vida pelos estudantes através de uma disciplina que se torna o centro do currículo, ganha destaque nesta discussão. Nesse sentido, a lei nº 13.415 estabelece que os currículos do Ensino Médio devem considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e, como foco de discussão aqui, socioemocionais. Tal dimensão formativa foi destacada a partir da publicação da BNCC através da sua Competência 6, que estabelece a importância de valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, “[...] apropriando-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (Brasil, 2017, p. 9).

Projeto de Vida passa, então, a ter centralidade curricular no projeto de sujeito e de sociedade. De acordo com tal documento, “[...] o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas” (Brasil, 2017, p. 472). Logo, seria papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. Afinal, é na escola que “[...] os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro” (Brasil, 2017, p. 473).

No Currículo de Sergipe, Projeto de Vida é entendido como um componente curricular (disciplina) e como “[...] um dos recursos que auxiliarão os estudantes sergipanos no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cidadãs [...]” desde o Ensino Fundamental (Sergipe, 2020, p. 06). Ao final de todo o itinerário formativo, espera-se que o estudante tenha certeza de que foi preparado para os desafios da vida com habilidades e competências que o levem a “[...] escolhas assertivas pautadas no autoconhecimento, aprendizagem de estratégias

de planejamento, autogestão e autorresponsabilidade vislumbrando objetivos presentes e futuros sempre pautados em preceitos morais democráticos, inclusivos e solidários” (Sergipe, 2020, p. 11). Essa construção estabelecida no Currículo de Sergipe está em consonância ao estipulado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. De acordo com esse documento, Projeto de Vida seria como “[...] estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante” (Brasil, 2018, p. 02). Um projeto para a vida e a carreira do estudante são tomados mesmo como uma estratégia pedagógica com o objetivo de “[...] promover o autoconhecimento do estudante e sua dimensão cidadã, de modo a orientar o planejamento da carreira profissional almejada, a partir de seus interesses, talentos, desejos e potencialidades” (Brasil, 2018, p. 15).

Projeto de Vida na escola é considerado eixo central importante pois favorece o crescimento pessoal e profissional, desenvolve suas habilidades e competências, auxilia no planejamento e na execução dos seus sonhos, ajuda na resolução de problemas, potencializando os saberes e desenvolvendo seu espírito de liderança e contribui para a formação de um cidadão autônomo e independente. A maioria deles acredita que ter um projeto de vida os ajuda a alcançar metas de objetivos, seguido de definir estratégias para atingir seus objetivos, realizar desejos e sonhos futuros e tomar decisões na busca de resoluções de problemas.

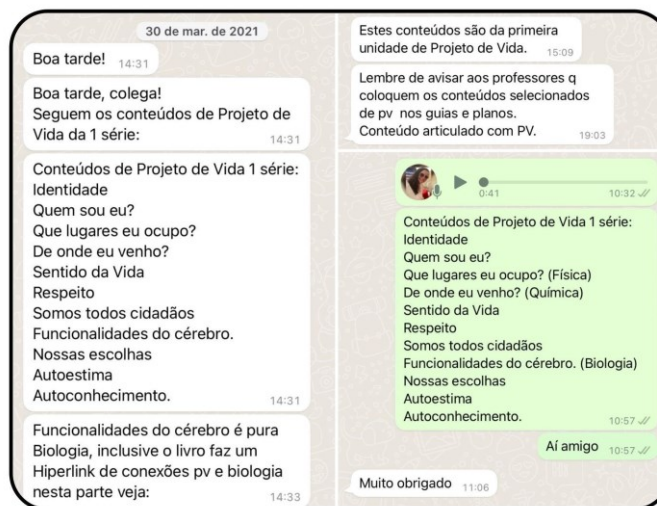
Ao entender que condutas são prescritas “[...] para fixar uma identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins” (FOUCAULT, 1993, p. 109), sabemos que é pelas vastas práticas culturais que sujeitos vão se constituindo. Portanto, mesmo com tal investimento no governo, “[...] nada garante que o tipo de sujeito demandado nesse discurso seja de fato produzido, porque os efeitos de um discurso são também sempre múltiplos, heterogêneos e variados” (Paraíso, 2006, p. 100). Afinal, “[...] os processos de subjetivação dão-se incessantemente em diversos lugares e segundo regras que se confrontam com indivíduos livres que a elas aderem, ou não, em função dos estilos de vida e dos modos de existência que se deseja levar” (Garcia, 2002, p. 28).

*Foi durante uma reunião online este ano que comecei, atravessada pelas leituras que já havia feito, a matutar sobre essa disciplina como uma espaço-estratégia de formação de um sujeito-coachizado. quando Nos cinco dias que antecederam o início das aulas, toda a equipe de professores/as foi convidada pela coordenação para planejar as ações do ano letivo 2021. Ouvei agradecimentos pelo que foi possível fazer até ali, visto que trabalhamos de forma remota e foi bastante difícil, em seguida a pauta tratava de horários, prazos para entrega de planejamentos anuais e bimestrais, planos de ação escolar.*

*O ponto da pauta que me chamou atenção foi o 5, intitulado: PV como centralidade. Nesse momento a coordenadora passou a palavra para um dos 4 professores de Projeto de Vida da escola e o mesmo já começou dizendo: Gente, vocês sabem que PV é a disciplina central da escola e todas as outras disciplinas giram em torno dela. Por isso, sem muito arroudeio vou avisar a vocês, todo bimestre vocês receberam os conteúdos a serem desenvolvidos por nós de PV e escolherão qual ou quais deles trabalharão nas disciplinas de vocês também. Somos parceiros! Entenderam? Lembrem que isso não sou eu quem estou exigindo de vocês, tá no novo documento do ensino básico, no currículo e devemos seguir. Além disso somos uma escola em tempo integral, as pessoas olham para o que fazemos e se estamos seguindo direitinho. Posso contar com vocês, não é?*

*Ele seguiu a reunião explicando um pouco mais do que haveria de conteúdo e como os/as demais professores/as poderiam entrar em contato para tirar dúvidas. No início da tarde daquele mesmo dia recebi uma mensagem via WhatsApp e mantendo o sigilo do professor, tivemos o diálogo como na Figura 2, abaixo:*

**Figura 2 - Print de conversa no WhatsApp**



Fonte: elaborado pelas autoras (2022)

*Como além de professora de Biologia, também estava na época coordenando a área de natureza, ele me solicitou que repassasse a mensagem aos demais da área para que cada um escolhesse qual ou quais dos conteúdos seriam aproveitados ou desenvolvidos em suas disciplinas. Assim foi feito, ao fim do dia eu já havia recebido as escolhas dos/as demais professores/as e repassei para ele colocar no seu planejamento.*

Diante de mais essa *matutância* de uma de nossas autoras, percebemos nos conteúdos propostos como a educação tem mesmo se prestado a compor todo um projeto biopolítico que

antes focava em ensinar o que e como as coisas funcionam, a matemática e suas probabilidades e estatísticas etc. Agora, além disso, se ensina como ser, agir, pensar, escolher e conhecer a si mesmo colocando no sujeito o compromisso de conduzir a própria vida iniciando pelo que deve sentir. O currículo prescreve a necessidade de que todos/as que frequentem a escola sejam cuidadores de si mesmos, trazendo a versatilidade de saber lidar com fatores emocionais. Seria um governo neoliberal que por estratégias da força da normatização documental acessa a alma dos sujeitos fazendo-os acreditar que isso é o melhor para seguirem suas vidas. Há uma articulação de todos de elementos como estratégia de governamental atual e estas tem acontecido de forma legitimada e materializada nos currículos oficiais. Além disso, há uma clara convocação para que professores/as sejam e atuem como *trainees* de almas, o que discutiremos na seção seguinte.

### ***Trainees de almas***

*Alma,  
deixa eu tocar sua alma  
com a superfície da palma da minha mão...*

*E mais uma vez a música de Zélia Duncan vem à tona. Provocada por essas prescrições curriculares, aparecem os cursos de formação. Não basta chegar a epiderme da alma, é preciso tocá-las, atingi-las, fazê-las desejar. Mas, como isso pode acontecer se em geral os sujeitos estudantes não lêem o documento oficial do currículo? É aí onde me vejo a matutar como os cursos de capacitação, ou como chamamos no dia a dia escolar de formações, são estratégias de governo que tornam sujeitos professores de sala de aula ou não, agentes deste processo. Eu me vi como agente desse acesso.*

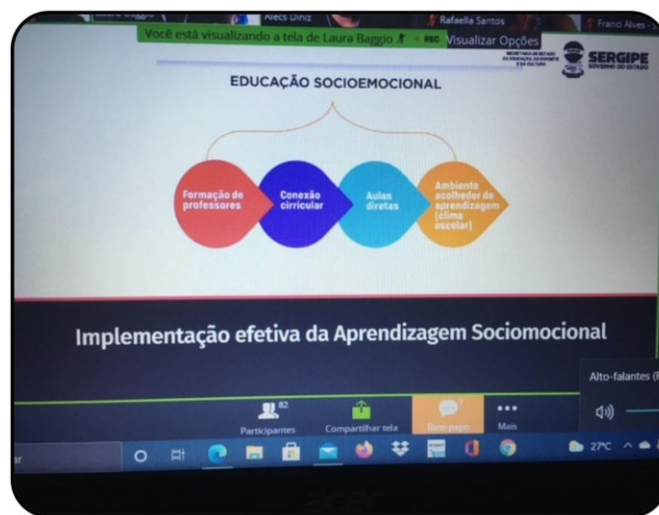
Esse sentimento de uma das nossas autoras, no faz atentar que o Currículo de Sergipe passa, por um lado, a investir em espaços e projetos de capacitação com vistas a municiar os sujeitos com ferramentas ditas ‘apropriadas à gestão participativa’, e, por outro, a reconhecer e fazer ver as potencialidades individuais e coletivas que poderiam ser utilizadas no atendimento das demandas apresentadas pelo currículo e pela própria comunidade escolar onde os sujeitos estariam inseridos. Capacitados, tornam-se agentes do governo e da sociedade para cumprir o papel de “[...] articuladores e animadores das redes [...]” de ensino. (Nascimento, 2018, p. 5).

*O primeiro convite de formação, com força de convocação, que tive este ano para participar junto com os demais professores das escolas estaduais integrantes da Diretoria de Educação de Aracaju (DEA) foi um curso de Habilidades Socioemocionais. Diante dos*

*conteúdos da disciplina Projeto de vida, me vi na necessidade de entender como eu, que nunca havia aprendido sobre isso na minha formação inicial, poderia ensinar sobre autoconhecimento, autoestima, escolhas sem ser psicóloga.*

*O curso iniciou nos fazendo um convite: Vamos respirar e meditar! Uma das ministrantes, eram três, anunciou que todos ali precisavam aprender a preparar as emoções. Após mais ou menos um minuto nesse processo, uma outra ministrante do curso iniciou a apresentação de slides (Figura 3).*

**Figura 3** - Print de tela com slide da formação



Fonte: elaborado pelas autoras (2022)

*O terceiro ministrante do curso começou apresentando essas quatro etapas como sendo os pilares para uma educação socioemocional. Ao desenvolvê-las, nos lembra o tempo todo que essas devem ser práticas comuns visto que fazem parte tanto da BNCC quanto do CSE. Estando os currículos sob efeitos discursivos, é preciso estar atento ao fato de:*

Os discursos educativos aparecem fortemente fundados nas questões relacionadas com o acesso a verdade e com as transformações do sujeito. Nesse sentido eles encontram-se atravessados por um conjunto de práticas de exercitação destinadas a modificação dos sujeitos e a produção de modos de vida específicos para sociedades e grupos humanos também específicos práticas pedagógicas enquanto ações reguladas destinadas a formação e a definição de modos de comportamento dos outros consideradas práticas de governo exercícios destinados a transformação do indivíduo para levá-lo à enquadrar nos modos de vida de um grupo social (Marín-Díaz, 2015, p. 19)

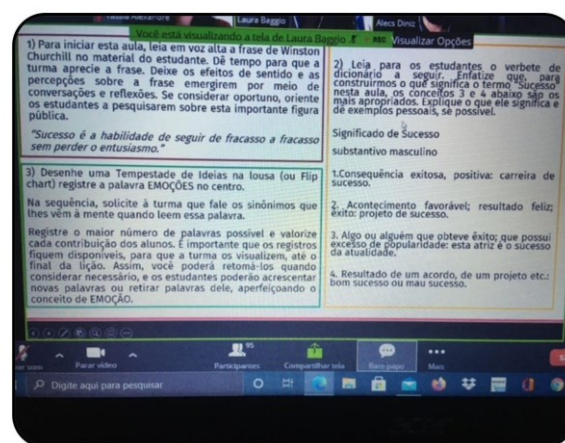
Na formação, não só os/as participantes são modulados, mas aprendem a modular indivíduos através de discursos semelhantes ao que esta mesma autora chama de versões da autoajuda. É extenso o número de práticas orientadas para a condução da conduta dos

indivíduos por eles mesmos com um refinamento de que estão lidando com suas emoções para serem melhores e alcançarem sucesso. Docentes que adentram nessa racionalidade, em vez de questionar, trabalham em si mesmos essas ditas verdades e atuam como multiplicadores desse processo.

Nesta perspectiva, Claparede (2007, p. 202) atenta para o fato de a ação educativa estar se constituindo no olhar “[...] funcional de processos mentais [...]” e nela os problemas da conduta e da aprendizagem são considerados como problemas de adaptação que “[...] exigem conhecer as circunstâncias nas quais o indivíduo usa sua inteligência emocional para encontrar soluções para elas [...]”. Dessa forma cada sujeito se reconhece a si mesmo como único e individualidade capaz de se transformar de aprender outras formas de se conduzir. Foucault (2007) chama de governo neoliberal esses preceitos e técnicas que orientam a arte de governar.

Todas essas formas de abordagem durante a formação vão treinando e preparando professores/as para atuarem como *trainees de almas* que preparam *sujeitos-coachizados*. Enquanto lidam com suas próprias emoções nos cursos de formação, aprendem a como fazê-lo no dia a dia nas suas atividades, imbuídos da ideia de estarem cumprindo o que pede-exige os *currículos-coach*. As atividades propostas durante a formação ensinam professores/as a saber como se tornar esse *professor-coach*. Observe a Figura 4:

Figura 4 - Print de tela com slide da formação



Fonte: elaborado pela autora (2022)

Há um passo a passo, um treinamento ou estratégia para produção do sujeito-coachizado através dos currículos e isso se dá não apenas da conformação do gestos dos/as protagonistas escolares, mas também pela convocação e manipulação de suas motivações

profundas, seu íntimo, seus sentimentos, suas almas. Agora trata-se a de uma investida direcionada a um controle baseado segundo Aquino e Ribeiro (2009, p 67) “[...] na probabilidade e gestão dos riscos, controle que visam rastreamento contínuo daquilo que tende a escapar das modulações, normativas prováveis absorvendo os desígnios inconfessos da alma dos/as protagonistas escolares a modo de intervir em destinos potencialmente funestos”.

## Considerações

### Um possível escape para as almas?

De acordo com Gadotti (2011), o neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossa identidade à de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Para fugir a essa realidade, seria preciso projetar a educação para ‘além do capital’, para uma práxis transformadora, que permita superar a lógica desumanizadora que tem no individualismo, na competitividade e no lucro seus fundamentos; educar para conscientizar, para desalienar, educar para um outro mundo possível. E educar para esse outro mundo possível seria fazer da educação, e neste caso do currículo, como um espaço de formação não apenas de mão de obra para o mercado, da qual não se pode fugir, mas implicaria educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas.

Embora não estejamos, sem dúvida, traçando aqui soluções, acreditamos ser possível talvez, começar a discernir como todo esse processo nos acessa e nos constitui parecendo trazer a sensação de segurança. Tentar escapar de algumas das linhas que formam esse diagrama, a possibilidade de que, mesmo que não possamos nos desinventar a nós mesmos, possamos ao menos reforçar a capacidade de questionar as formas de ser que têm sido inventadas para nós e começar a nos inventar a nós mesmos de forma diferente.

### Referências

AQUINO, Júlio Groppa; RIBEIRO, Cyntia Regina. Processos de Governamentalização e a Atualidade Educacional: a liberdade como eixo problematizador. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 34, n. 02, p. 57-71, ago. 2009. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-31432009000200005&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432009000200005&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 10 jan. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)

Acesso em: 10 jan. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site)

Acesso em: 10 jan. 2023

CLAPAREDE, Edouard. *La educación funcional*. Madrid: Biblioteca Nueva, Ministerio de educación y Ciencia, 2007.

CANDIOTTO, César. A governamentalidade política no pensamento de Foucault. *Filosofia Unisinos*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 33–43, 2010. DOI: 10.4013/fsu.2010.111.03. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/4632>. Acesso em: 10 jan. 2023

CARDOSO, Livia de Rezende. Queremos saber, queremos viver: governo do cotidiano no currículo experimental. *Currículo sem fronteiras*, v. 18, n. 3, p. 943-962, 2018. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss3articles/cardoso.pdf> Acesso em: 15 dez. 2022

DAMASCENO, Bianca dos Santos. A sociedade contemporânea e seus meios de competência: uma crítica ao coaching à luz da teoria psicanalítica. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 131-132, dez. 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912011000200020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000200020&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 06 jul. 2023.

FOUCAULT, Michael. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michael. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michael. *Em defesa da sociedade*. São Paulo. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2010.

FREITAS, Josi Aparecida; BUENO, Marisa Fernanda da Silva. Reforma do Ensino Médio: uma política neoliberal para o (auto)governo da educação brasileira. *Teoria e Prática da Educação*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 71–83, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/45350>. Acesso em: 10 dez. 2022

GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica 2009.

GADOTTI, Moacir. Novas perspectivas para a educação. *Revista Pátio*, Porto Alegre: Grupo A, n. 41, fev./abr, 2011.

GARCIA, Maria M. A. *Pedagogias Críticas e Subjetivação: uma perspectiva foucaultiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.



MARÍN-DIAZ, Verónica. La Gamificación educativa. Una alternativa para la enseñanza creativa. *Digital Education Review* [s.l.], n. 27, jun. 2015. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/der/article/view/13433> Acesso em: 01 dez. 2022

NASCIMENTO, Clarice Antunes do. Do governo dos homens ... e das almas. *Revista Brasileira de Educação* [s.l.], n. 23, e230014, 2018. DOI: 10.1590/S1413-24782018230014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/RXggiDQmV36VRSXNzMhpgKs/#ModalHowcite> Acesso em: 01 dez. 2022

PARAÍSO, Marlucy Alves. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa brasileira. *Educação e Sociedade*. [s. l.], v. 27, n. 94, p. 91–115, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302006000100005&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000100005&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 20 nov. 2022

PICOLI, Bruno Antônio. Base Nacional Comum Curricular e o canto da sereia da educação normalizante: a articulação neoliberal-neoconservadora e o dever ético-estético da resistência. *Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa*, [s. l.], v. 5, p. 1–23, 2020. DOI: 10.5212/retepe.v.5.15036.007 Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/retepe/article/view/15036>. Acesso em: 20 nov. 2022

PORVIR. Secretaria de Estado da Educação. Currículo de Sergipe. *Rede Estadual do Estado de Sergipe/ Secretaria de Estado da Educação*. SEED-SE. Aracaju, 2018.

REIS, Homero. *Coaching ontológico: a doutrina fundamental*. Brasília: Thesaurus, 2011.

RESENDE, Haroldo de. *Michael Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação* – São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes/CNPq, 2018.

SARAIVA, Karla. Formação de professores nas tramas da rede: uma prática de governamentalidade neoliberal. *Em Aberto*, Brasília: INEP, v. 23, n. 84, p. 123-137, nov, 2010. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2471>. Acesso em: 20 nov. 2022

SERGIPE. *Currículo de Sergipe Etapa Ensino Médio*. Versão para consulta pública. Observatório de Educação – Instituto Unibanco. Julho a agosto, 2020. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/> Acesso em: 20 dez. 2022

WOLK, Leonardo. *A arte de soprar brasas em ação*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

YUTANG, Lin. *A importância de compreender*. São Paulo: Ciclo do Livro, 2004. 458p.

### **SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)**

#### **Tássia Alexandre Teixeira Bertoldo**

Doutora em Educação pela UFS. Docente Visitante na Universidade Federal de Sergipe RENOEN. Gestora Escolar Seduc Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa Educação Matemática e Ensino de Ciências – GPEMEC. Contribuição de autoria: autora

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0182068879176717>

**Rosa Virgínia Oliveira Soares de Melo.** Doutora em Educação pela UFS. Auxiliar em administração da Universidade Federal de Sergipe. Contribuição de autoria: autora

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4138413432375170>

### **Como referenciar**

BERTOLDO, Tássia Alexandre Teixeira; MELO, Rosa Virgínia Oliveira Soares de. Currículo de Sergipe e governamentalidade neoliberal: tragando almas, produzindo *sujeitos-coachizados*. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 20, n. 51, e13001, 2024. DOI: 10.22481/praxisedu.v50i51.13001